

Atual estagnação deve continuar, diz economista

por Antônio Gutierrez
de São Paulo

O quadro econômico brasileiro não deve apresentar alterações significativas neste segundo semestre, se forem afastadas as hipóteses de um "choque" ou um pacto social. A inflação deve continuar crescendo lentamente, a produção industrial deve manter-se estabilizada e o superávit comercial elevado, sem necessidade de alterações na política cambial.

Essas perspectivas foram delineadas pelo economista Antônio Lanzana, da Universidade de São Paulo (USP), a um grupo de empresários ligados ao Sindicato da Indústria de Materiais e Equipamentos Ferroviários e Rodoviários no Estado de São Paulo (SIMFRE), na manhã da última sexta-feira, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Para Lanzana, não existiria o risco de hiperinflação, mas uma tendência de aceleração lenta e constante dos índices de preços. Entre os fatores que contribuem para essa previsão estão o razoável controle dos gastos do governo, o baixo nível de demanda interna e a manutenção da atual política salarial. "Para manter-se o nível de sa-

lário real, não dá para reduzir a inflação", afirmou.

Ele observou ainda que o nível de emprego em São Paulo hoje é menor do que o registrado em 1980. Isso não significa, contudo, que exista um risco de explosão social, pelo menos a curto prazo. "A paz social tem sido mantida através de acordos (salariais), mas isso tem gerado um efeito adicional, que é uma inflação crescente", avaliou.

A produção industrial, que se adaptou à redução das vendas optando pela formação de estoques e aumento das exportações, no primeiro semestre, deve manter-se estável neste segundo semestre, de acordo com a análise de Lanzana.

Esse equilíbrio deve ser mantido pelo esgotamento do limite de poupança que pode ser revertido para um aumento de consumo e também pela boa safra agrícola, apesar de esgotada a possibilidade de maior formação de estoques e a penalização de alguns setores na área de exportação. "A estabilização da produção depende também do que o governo vai fazer com seus gastos. Se aumentar, a produção aumentará. Se reduzir, pode haver uma estabilização ou pequena queda", acentuou Lanzana.